

Entrevista

A Dimensão crítica da EPC e sua luta epistemológica

Cesar Bolaño

Possui graduação em Comunicação Social Com Habilitação Em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1979), mestrado em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas (1986) e doutorado em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Foi o fundador da Rede EPTIC, o primeiro presidente da União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura e presidente da Asociación latinoamericana de los investigadores de la Comunicación – ALAIC. Atualmente é professor associado IV da Universidade Federal de Sergipe e diretor da Revista Eptic online.

Por Alain Herscovici

Qual é a contribuição da Economia Política da Comunicação (EPC) às Ciências da Comunicação e à própria Ciência Econômica? Em que medida a EPC pode contribuir à redefinição do campo de estudo e do próprio objeto de estudo dessas duas disciplinas científicas?

A EPC é um campo de estudos com larga tradição na área de Comunicação, que remonta, no caso anglo-americano, aos anos 60 do século passado. Na verdade, diferentes tradições surgiram isoladamente, em diferentes regiões. Na França, por exemplo, a área era conhecida originalmente como Economia da Comunicação e da Cultura (ECC). A sua transformação se deu posteriormente, a partir do momento em que esse subcampo começa a unificar-se em nível internacional, basicamente pela ação aglutinadora da sessão de Economia Política da IAMCR/AIERI/AIECS, a partir de 1992, eu diria. A denominação EPC deve-se a sua origem no interior do campo da Comunicação, mas o objeto de estudo específico foi-se ampliando na obra de diferentes autores, para incluir a informação, o conhecimento, as telecomunicações,

a informática. A fronteira do conhecimento em que se situa, em todo caso, é aquela das Ciências Sociais, especialmente a Economia Política, e os estudos de Comunicação. Com o advento da Internet, em particular, esses diferentes objetos tendem a convergir e a EPC talvez seja a única disciplina acadêmica que tem tido a capacidade de enxergar o processo em sua totalidade, em função da sua inerente interdisciplinaridade. As especificidades do objeto, no que se refere tanto à Economia Política (como as peculiaridades dos processos de trabalho e de valorização), quanto à Comunicação (as questões que enseja para o conceito de mediação, por exemplo) colocam desafios teóricos de importância para ambas disciplinas. No limite, tendo em vista a importância crescente dos referidos setores econômicos que a denominação engloba, os próprios fundamentos dessas disciplinas podem ver-se questionados, mas isso é uma questão de pesquisa.

Quais foram, segundo você, os trabalhos fundadores da EPC, em nível mundial, e em nível latino-americano?

Em nível mundial, os fundadores são bem conhecidos: Baran e Sweezy, Dallas-Smythe e Herbert Schiller são os primeiros. Depois viriam as contribuições europeias e latino-americanas. O mais importante deles talvez seja Raymond Williams, que influenciará tanto os estudos ingleses como os franceses, tanto a EPC quanto os Estudos Culturais ingleses. Também Enzensberger terá uma influência crucial sobre o pensamento da escola francesa, ao lado de Jacques Attali. Ainda na França, eu citaria, além do mais conhecido, Bernard Miège, o Dominique Leroy, com seu trabalho clássico sobre as artes do espetáculo, que influenciará decididamente o mais importante dos autores da segunda geração da escola francesa, Alain Herscovici. Nessa segunda geração, eu incluo também os principais nomes espanhóis e quebequenses. Na Inglaterra, há muitos nomes, como Nicholas Garnham, Graham Murdock ou Peter Golding. Nos Estados Unidos há também uma segunda geração notável, em que se destacam nomes como Vincent Mosco e Janet Wasko. Essas escolas anglófonas influenciaram ainda muitas outras áreas geográficas, como se pode observar na participação nos congressos da IAMCR/AIERI/AIECS. A América Latina constitui um caso muito particular, pois o pensamento crítico em Comunicação assumiu aqui inicialmente a forma de Teorias da Dependência e do Imperialismo Cultural. A EPC latino-americana surge nos anos 1980, em diálogo com essa tendência anterior e não com a EPC europeia ou mesmo a norte-americana. Os primeiros trabalhos foram os de Schmucler, colaborador de Mattelart (que tem um lugar aparte nessa história, pois representa a influência do pensamento latino-americano na formação da EPC europeia e francesa), e Eriberto Muraro, na Argentina, Patricia Arriaga, no México, Diego Portales, no Chile, entre outros. Marques de Melo, como Valério Brittos, situa o nascimento do campo no Brasil, com a publicação de meu primeiro artigo na RBCC, em 1987, precedendo de um ano o livro de 1988 (Mercado brasileiro de televisão). Antes de mim, na linha das Teorias da Dependência, outros autores já haviam trabalhado temas referentes às relações entre

Comunicação e Capitalismo, como Sergio Capparelli, que depois desenvolveria trabalhos muito ligados à escola francesa, ou Luis Gonzaga Motta, um dos fundadores da ALAIC. A fundação do campo se dará, no entanto, com sua revista, seus grupos de trabalho e programas de pesquisa, ao longo dos anos 1990, com a criação do portal EPTIC, da revista EPTIC Online e posteriormente da ULEPICC.

Quais são as especificidades da EPC em relação às análises já realizadas no campo da Comunicação e da Economia?

A grande especificidade da EPC frente a essas duas disciplinas, na minha própria definição, é a articulação da problemática da subsunção com a da mediação, estendendo a Crítica da Economia Política para a Crítica da Comunicação e da Cultura, o que significa um passo importante no conhecimento da totalidade das relações sociais capitalistas, livre de alguns fardos do passado.

Como se manifesta a dimensão crítica que caracteriza a EPC?

A EPC se distingue da pura Economia da Comunicação, ou da Economia da Cultura, com enfoques mais ortodoxos, por situar-se essencialmente no campo do marxismo, ainda que importando elementos importantes de outras escolas de pensamento econômico, como a microeconomia heterodoxa, no meu caso e de Valério Brittos. No campo sociológico, há um diálogo direto com as diferentes teorias críticas da sociedade, inclusive a velha Escola de Frankfurt e os trabalhos de Bourdieu, mas também com os Estudos Culturais e amplos setores do campo da Comunicação. Um aspecto central para a definição da EPC como teoria crítica é o seu engajamento nas lutas sociais pela democratização das comunicações.

É possível caracterizar uma escola latino-americana da EPC? Em que medida esta escola se diferencia da Escola francesa, ou da escola dos Estudos Culturais, por exemplo?

A escola brasileira, se considerarmos o meu próprio trabalho, mais especificamente o segundo (Indústria Cultural, Informação e Capitalismo), realiza uma crítica detalhada (interna e externa) da velha ECC francesa, a qual, por exemplo, negligencia o estudo da con-

corrência. Com relação aos Estudos Culturais, as diferenças são óbvias, visto que se trata, no caso dos latino-americanos, de duas vertentes de crítica às Teorias da Dependência Cultural. No primeiro caso, trata-se de um “recurso crítico” a Marx (o que é o programa de todas as escolas da EPC em nível mundial) para esclarecer pontos nebulosos da perspectiva anterior, enquanto que no segundo, trata-se de uma crítica inicialmente influenciada por um certo marxismo, mas que em seguida abandonará essa perspectiva, considerada economicista, em favor do pensamento dito pós-moderno, redundando no relativismo e, paradoxalmente, em outro tipo de determinismo, mais grosseiro, tecnológico.

Em que medida os desenvolvimentos propiciados pelas TIC permitem questionar e, eventualmente, reformular as ferramentas teóricas utilizadas pelos estudos em EPC?

Trata-se também de uma questão para pesquisa. Dou apenas um exemplo: a ECC francesa sentiu profundamente o impacto da Internet. A ideia de economia dos contadores, por exemplo, de Miège, mostrou-se bastante insuficiente e de fôlego curto. Gaëtan Tremblay e seu grupo, ao contrário, avançaram mais com o conceito de clube, importado dos economistas, que Alain Herscovici e eu também utilizamos. Se pensarmos nos puros termos de uma economia das indústrias culturais (de onda ou de edição), nos escapará o aspecto central, que é a sua convergência com a economia das telecomunicações (redes) e da informação, criando uma espécie de híbrido para cuja análise a velha ECC não estava aparelhada. Entre os franceses, quem avança mais nessa área é o próprio Herscovici, mas trocando em boa medida a tradição da ECC pelo pensamento econômico heterodoxo. Do ponto de vista da teoria do valor e do enfoque sociológico de fundo, no entanto, não há muita diferença com a sua perspectiva de origem, radicalmente francesa. Em certos aspectos há mesmo um aprofundamento nessa linha da interpretação de certos fatos que eu próprio avalio de outra maneira.

Você acha necessário e importante dissociar as análises realizadas em termos de EPC e uma atuação militante nos campos da Cultura, da Informação, do Conhecimento e da Comunicação? Porquê?

Acho que não se pode dissociar a teoria das lutas sociais porque senão estaremos negando a ideia de práxis, que é a característica fundamental do pensamento crítico. É isso que nos distingue.